

# ES é o segundo em trabalho infantil

Posição é registrada na Região Sudeste, onde o Estado só perde para Minas Gerais, na faixa entre 10 e 14 anos

MARIANA PERINI

As mãos são sujas, machucadas. O tronco exibe as marcas das costelas e o olhar parece ser de uma pessoa mais velha. Aos 14 anos, P.E. já não possui o entusiasmo comum percebido em um adolescente.

Ele trabalha desde os nove anos para ajudar a mãe e os três irmãos. Começou como engraxate. Hoje, passa seus dias no lixão de Nova Rosa da Penha, em Cariacica, catando plástico para vender.

P.E. faz parte das estatísticas do IBGE, que colocam o Espírito Santo como o segundo Estado da Região Sudeste com maior índice de trabalho infantil, na faixa etária de 10 a 14 anos.

Do total de crianças capixabas dessa idade, 13,6% trabalham. O número está acima da média nacional (12,9%) e, no Sudeste, só perde para Minas Gerais (14,1%).

O maior índice do país foi encontrado no Maranhão: 27,2%, incidência alta, mesmo se comparada com a média da Região Nordeste, de 19,1%.

O dado torna-se ainda mais preocupante ao se verificar que o índice de trabalho infantil em todo o país vem caindo nessa faixa etária desde a última década.

Em 1992, o índice era de 22,4%. Na última Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (Pnad), passou para 12,9%.

## Adolescentes

Entre os adolescentes (de 15 a 17 anos), o Estado lidera o ranking no Sudeste, com 47,6%. E também ultrapassa a média nacional, de 40%.

Apesar do alto número, o Espírito Santo segue a tendência nacional de redução do trabalho infantil. Tanto os grupos etários de 10 a 14 anos como os de 15 a 17 anos reduziram sua participação no mercado de trabalho, mostrando os avanços.

A taxa de atividade do primeiro grupo era de 26,3% em 1992 e passou para 13,6%. No segundo grupo, a taxa era de 61,3% em 1992, e caiu para 47,6%.

## Estudo

No Espírito Santo, de um total de 815.103 crianças e adolescentes (de 5 a 17 anos), 77,9% só estudam, 3,5% só trabalham, 8,8% trabalham e estudam e 3,9% cuidam dos afazeres domésticos.

É importante ressaltar que o percentual de crianças capixabas que só trabalham é maior que a média nacional (2,4%) e a da Região Sudeste (1,9%).

O catador de lixo P. também está incluído nessa estatística. Ele nem se lembra de quando deixou de estudar. Só sabe que passou a trabalhar dobrado depois que o padrasto perdeu o emprego. "Agora sou em quem sustenta a casa. Tenho que levar alguma coisa para os meus irmãos", conta.

Ele não consegue fazer as contas de quanto ganha por dia. "São só centavos", diz. Mas para ganhar um salário mínimo sabe que precisa juntar três mil quilos de plástico. "São quatro caçambas. Só que nunca consigo juntar tudo isso em um único mês porque o plástico é muito leve", lamenta.

O ferro, segundo ele, é mais pesado, mas a concorrência também é maior. Os adultos têm prioridade. P. parece conformado com a vida que leva. Não demonstra se importar com as picadas de seringas deixadas no lixo e nem com os cortes nos pés.

Também não parece fazer diferença se ele vai ou não jogar uma "pelada" com os amigos quando chega em casa. "Nunca dá mesmo. Só aos domingos", diz. No entanto, quando o assunto é estudo, P. deixa escapar um fio de frustração. "Eu queria ser 'polícia' que nem o meu tio. Sem estudar vai ser difícil", afirma.



Fábio Vicentini

## Catador

P.E. ajuda a mãe e os três irmãos, desde que o padrasto ficou desempregado, catando plástico no lixão de Nova Rosa da Penha, em Cariacica. Ele nem se lembra quando parou de estudar

## Ranking

Indicadores Sociais do IBGE mostram que o Espírito Santo é o segundo da Região Sudeste em trabalho infantil (de 10 a 14 anos). Entre os adolescentes (de 15 a 17 anos) o Estado lidera o ranking no Sudeste, com 47,6%.

## Taxa de atividade no Brasil



## Taxa de atividade (Em %)

### Grandes Regiões

	10 a 14 anos	15 a 17 anos
<b>Norte</b>	<b>8,6</b>	<b>32,9</b>
Roraima	3,1	23,5
Amapá	5,4	18,5
<b>Nordeste</b>	<b>19,1</b>	<b>40,5</b>
Maranhão	27,2	49,1
<b>Sudeste</b>	<b>8,1</b>	<b>37,7</b>
Minas Gerais	14,1	43,9
<b>Região Metropolitana de Belo Horizonte</b>	<b>7,0</b>	<b>36,4</b>
<b>Espírito Santo</b>	<b>13,6</b>	<b>47,6</b>
Rio de Janeiro	4,7	22,8
<b>Região Metropolitana do Rio de Janeiro</b>	<b>3,7</b>	<b>19,7</b>
São Paulo	5,8	38,8
<b>Região Metropolitana de São Paulo</b>	<b>5,4</b>	<b>35,5</b>

## Mão-de-obra tem convivência dos pais

O Grupo Especial de Combate ao Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente (Gectipa), da Delegacia Regional do Trabalho (DRT), foi criado, há três anos, para fiscalizar e procurar uma solução para evitar o uso da mão-de-obra de crianças no Estado.

Fernando Pimentel, coordenador do grupo, garante que o trabalho do Gectipa já deu resultado em carvoarias, pedreiras e diversos locais insalubres, mas, confessa ser difícil combater o trabalho nos semáforos, nas praças, praias e, principalmente, na zona rural, onde, segundo ele, as crianças trabalham com os pais.

"Fazemos a fiscalização e, quando se trata de uma empresa, ela é autuada e multada. Mas em local público pouco podemos fazer. Não temos poder de retirar a criança da rua. Podemos, no máximo, entrar em contato com a pre-

feitura", explica. A empresa normalmente tem dez dias para recorrer e a multa varia de R\$ 300,00 a R\$ 3 mil.

Sobre os dados do IBGE, Pimentel diz, sem medo de errar, que a maioria das crianças do Estado trabalha informalmente. "Muitas vezes o trabalho acontece com a convivência dos pais. Nesse caso, a única coisa que podemos fazer é orientá-los".

Uma solução tem sido a inclusão da criança e do adolescente (entre 7 e 15 anos) no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), do Governo federal. Já são sete mil crianças cadastradas no Estado. Elas foram retiradas da rua e suas famílias recebem uma bolsa de R\$ 40,00, na Grande Vitória, e R\$ 25,00, no interior.

As crianças do Peti têm jornada escolar ampliada e, no tempo livre, participam de atividades oferecidas pelas as prefeituras.